UTOPIA

inverno de 1989

2

Publicação trimestral editada pelo
GRUPO UTOPIA
no Rio de Janeiro, Brasil

A edição é realizada pelo grupo seguindo práticas autogestionárias.

Os artigos publicados são selecionados por todos os que participam da elaboração desta revista embora não reflitam, necessariamente, o estrito pensamento do grupo.

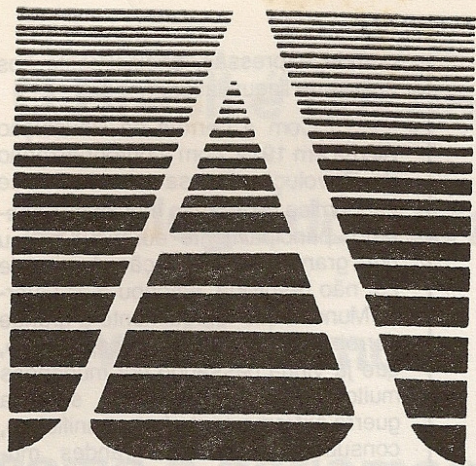
Desejamos criar um espaço onde idéias sejam divulgadas, repensadas e discutidas de forma libertária.

Aceitamos colaborações, embora sua publicação esteja submetida a análise editorial pelos participantes do grupo.

CORRESPONDÊNCIA

GRUPO UTOPIA
Caixa Postal 15001 CEP 20155
Rio de Janeiro - Brasil

Foto da capa

Kerrete, a última xavante. Foto de Edilson Martins do livro *Nossos índios nossos mortos*, Editora CODECRI, RJ - 1983

EDITORIAL

COMO MORALIZAR O IMORAL ?

Após o fracasso eleitoreiro das últimas eleições municipais, as principais câmaras de "representantes do povo" mergulharam numa caçada aos marajás, funcionários fantasmas, apaniguados e outros corruptos afins. Tal processo iniciou-se, já há algum tempo, com o "bom moço" Fernando Collor, de Alagoas. Não que o mancebo estivesse movido por pruridos de justiça e honestidade, mas por absoluta falta de prestígio e recursos para o pagamento do funcionalismo do estado. Tal processo de "moralização" evidenciou-se com o fracasso, não assumido, da forma de representação democrática.

Há décadas a corrupção, o nepotismo, a falcatrua e a imoralidade convivem quotidianamente com o tal sistema democrático. Partidos de todos os matizes sempre fecharam os olhos para esta realidade. Porém, nas últimas eleições, quando grupos de independentes, senhoras saudosas dos generais e os anarquistas ousaram tocar na ferida do sistema, com as campanhas pelo voto nulo, todos os políticos se irmanaram, unidos e coesos, em defesa da "Democracia". Até mesmo o "democrata" Roberto Marinho entrou na dança. Temos certeza de que o sistema representativo não representa ninguém, a não ser os próprios interesses escusos desses mistificadores da Liberdade. A hipocrisia campeia, principalmente nos tais "partidos operários" que, sabedores da falência política e econômica de prefeituras e câmaras que herdaram, pretendem agora, como paladinos da moral e decência, denunciar e punir os demandos cometidos. Grande feito o dessa gente que se arvora em defensores reais do povo e vanguarda intelectual de uma nova era por vir. Sempre participaram do imundo sistema de dominação, são a outra versão do mesmo jogo viciado no qual o perdedor coincidentemente é o povo. Agora, principalmente com as feridas expostas, a grande jogada é a moralização e o saneamento das instituições, pois pode se perder o prestígio e a credibilidade, jamais o poder. Afinal estamos prestes a escolher o "nosso" presidente.

As contradições da política de representação são claras e tem sido denunciadas à exaustão pelos anarquistas, ao longo da história. Necessárias à burguesia e aos progressistas (perdão! socialistas autoritários), as instâncias de poder e representação cumprem apenas uma única função: apropriar-se e neutralizar a revolta do povo, canalizando-a para seus imediatos e mesquinhos interesses. Enquanto os indivíduos continuarem a votar e eleger alguém para fazer algo para eles – Salvador da Pátria ou Partido de qualquer Vanguarda Iluminada – permaneceremos todos imobilizados e cada vez mais distantes dos ideais de justiça e liberdade. Afirmamos que o início de uma sociedade autogestionária é acreditar-se capaz disso. Não se modifica radicalmente votando (renunciando), e sim agindo. Infelizmente somos obrigados a votar, mas não a eleger.

EXPEDIENTE

Ester Redes, Ideal Peres, Jaime Cuberos, Jose Antônio Dominguez, Miriam Fernandes, Oscar Farinha, Paulo Henrique Zucchi, Pedro Simonard, Pedro Kroupa, Renato Rodrigues, Gaia Montenegro e Wilhelm Krüeger.

Composição:
UFFICIO Projetos Gráficos

As Forças Estão Muito Desiguais

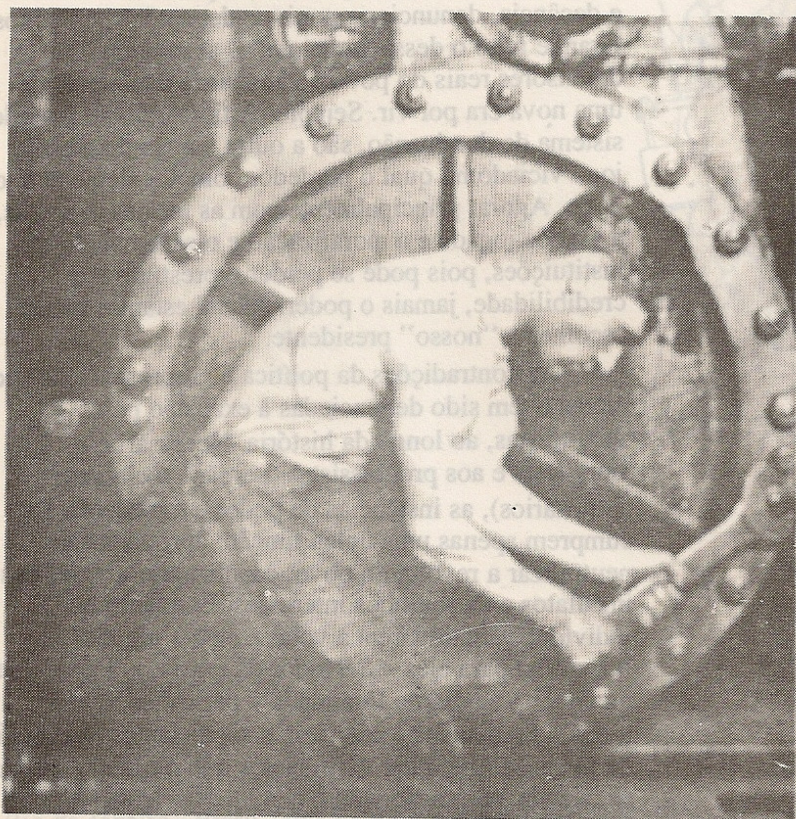
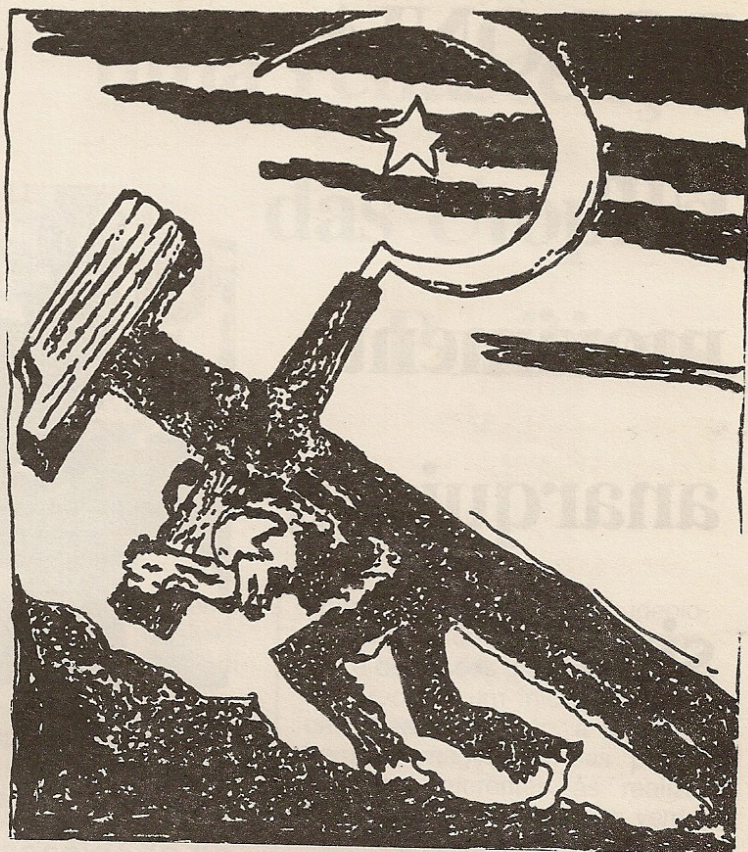
Esta exposição será articulada em cima de dois eixos centrais: a questão do Estado tal como foi concebido pelo anarquismo e pelo marxismo, incluindo as transformações sociais pelas quais o Estado vem passando nas últimas décadas e como segundo eixo as lutas que se travam contra o Estado e contra a exploração.

Os marxistas e anarquistas sempre colocaram o Estado como ponto central de suas lutas, embora com concepções diferentes. Enquanto os anarquistas sempre propuseram a destruição do Estado, os marxistas sempre propuseram a tomada do Estado, o assalto ao Estado. E aqui nós podemos caracterizar três vertentes: a **social democracia alemã**, defendida por Kautskky que se caracterizava por conceber um conceito de representação com delegação de poder (a célebre teoria da vanguarda); a **social democracia russa**, que não podia pensar em parlamento porque era preciso tomar o poder para acabar com o tzarismo, tese defendida tanto pelos bolcheviques quanto pelos mencheviques; e o **conselhismo alemão**, que eu chamaria de marxismo libertário, que adotou a auto-organização através dos conselhos operários dentro das fábricas e que atuou junto com os anarco-sindicalistas nos anos de 1918, 1919 e 1920.

No fim do século passado e início deste século, o anarquismo expressava as lutas mais radicais do proletariado. Negando tanto a representação por delegação de poder quanto a organização da classe trabalhadora por políticos profissionais eles defendiam a ação direta e a auto-organização. Justamente neste momento, quando o Estado se tornava o grande planificador da economia, o criador das condições de desenvolvimento do capitalismo como modo de produção, os anarquistas tinham uma grande expressão, pricipalmente nos países de língua latina.

Com a derrota da Revolução Alemã em 1919, com a burocratização da Revolução Russa e com a crise econômica de 1929, o movimento operário, principalmente europeu, sofreu uma grande desarticulação. A crise de 29, não resolvida, detonou a 2ª Guerra Mundial que foi realmente a grande derrota do proletariado. O capitalismo, que já vinha passando por mudanças muito rápidas e profundas, saiu da guerra extremamente forte e unificado, consubstanciando as grandes mudanças que viriam nas décadas seguintes com importância fundamental para a remodelação do Estado.

Hoje é necessário repensar a concepção de Estado verificando que ele não tem mais o monopólio do poder desde que se abriu às massas, passando a integrar seus supostos representantes. O legislador agora é o capitalista. As normas empresariais são muito rígidas, porque esta suposta democratização não penetrou no interior do campo industrial. No contexto das grandes mudanças ecomicas, o Estado passou a desenvolver uma função ligada ao bem-estar social através de benefícios como educação gratuita, seguro social, previdência social, etc. que são formas indiretas de aumentar o consumo para poder sustentar a alta produtividade da indústria. Os pólos do poder foram deslocados do parlamento e do executivo. Esse Estado mais amplo, internacional, composto pelos centros de poder das grandes empresas transnacionais, das grandes estatais, imune ao poder do voto e articulado com os grandes sindicatos burocratizados tem mais poder que os ministérios. E seus mecanismos são extremamente refinados e apoiados basicamente na informática, que controla a força de trabalho no interior mesmo do processo produtivo. O operário está muito mais preso à máquina do que antes e não tem como escapar a um controle infernal porque invisível. Antes era possível brigar com o capataz. Com o computador não é possível brigar. Além disso, houve uma desqualificação da mão de obra, o que dificulta ainda mais o controle do trabalhador sobre sua atividade.

Nos países centrais a luta não se faz mais através dos sindicatos ou dos partidos, a luta que se trava hoje é uma luta surda, quase invisível, um pouco individualista, através da sabotagem, dos atrasos, do absenteísmo, etc. e por direitos que não se restringem à questão da produção. Houve uma grande transformação na composição do proletariado com a absorção maciça das mulheres no mercado de trabalho nos países centrais e a transformação do campesi-

O Brasil é um país privilegiado para verificarmos como o parlamento perdeu o poder e os partidos perderam o sentido.

nato em proletariado nos países do 3º mundo. De modo que pode-se falar agora de uma classe proletária mundializada, embora muito heterogênea.

O Brasil é um país privilegiado para verificarmos como o parlamento perdeu o poder e os partidos perderam o sentido. Os partidos modernos carecem de programas e de ideologias. Estes estão com os "lobbies", com os grupos econômicos, que são verdadeiros partidos. Quem atuou verdadeiramente no âmbito da Constituinte foram os "lobbies". Dentro do PMDB havia mais de 23 "lobbies", defendendo coisas diferentes.

Os partidos políticos estão muito mais na frente ampla de pontos difusos. Eles não têm propostas efetivas. Por outro lado o Estado, como comitê de organização da burguesia não tem mais função. As grandes empresas criam sua própria infra-estrutura: sua milícia, seu centro de treinamento, sua escola, suas próprias condições de repressão. Uma série de funções do Estado está sendo privatizada. Várias reformas estão sendo feitas que implicam numa descentralização da administração. Até das funções repressivas o Estado está abrindo mão, porque o custo de manutenção dos Estados Nacionais é muito alto. Não dá mais para falar em sociedade civil contra o Estado porque a sociedade civil hoje é plena de focos efetivos de poder. João Bernardo, na sua obra *Capital, Sindicato e Gestores* defende a tese de que os sindicatos hoje são os grandes patrões, que mobilizam uma quantidade imensa de capital, assalariam o operário, diminuem seu salário, despedem em época de crise, aumentam o ritmo de trabalho, etc.

Os grandes sindicatos burocratizados e as grandes transnacionais são incólumes. Podem mudar ministros, podem mudar presidentes porque eles permanecem os mesmos, com seus próprios mecanismos de dominação e repressão. Por isso as lutas de hoje são pautadas por um acentuado grau de autonomia dos trabalhadores pela auto-organização e auto-direção do movimento. Um exemplo interessante disso foi o que aconteceu em Portugal com a Revolução de 25 de abril. A luta surgiu com uma tal autonomia que nenhum partido conseguiu controlar a classe trabalhadora que criou suas próprias comissões. As fábricas foram ocupadas e passaram a funcionar em regime de autogestão. É certo que não funcionaram por muito tempo porque a produção hoje depende de outras empresas. A mundialização do mercado cria pontos de estrangulamento. Esse é o principal travão das mudanças sociais hoje que impõem a necessidade de internacionalização das lutas. Se isso antes era uma questão ética e política, hoje é uma questão de sobrevivência. Se a luta não se expandir rapidamente ...

Portanto, temos problemas muito complicados que apenas começamos a vislumbrar. Se não conseguirmos compreendê-los melhor ficaremos repisando fórmulas velhas, sejam elas anarquistas ou marxistas. Temos de entender toda a questão da tecnologia e dizer mais uma vez que a única alternativa hoje é travar lutas globais contra essa estrutura global que é o capitalismo amplo, o Estado amplo. Não basta entender as lutas sociais como ação direta e auto-organização sem ultrapassar. os modelos tradicionais. Também não adianta investir contra a exploração da mesma forma como se fazia no século XIX. A burguesia de que se falava no século XIX está restrita à pequena e média empresa. Agora quem dá o recado são as grandes empresas. São elas que direcionam o processo econômico global através dos técnicos e gestores. A classe capitalista está altamente unificada enquanto a classe operária esta muito fragmentada em virtude dos diferentes processos de exploração a que está submetida.

As forças estão muito desiguais.

Lúcia Barreto Bruno, professora de Sociologia da USP

POLÔNIA: Um movimento anarquista, sim!

Manifestação em Gdansk, Polônia, junho de 1987

Eis a tradução integral de um texto originado em Gdansk que circula em diferentes cidades do país e que acabamos de receber de Poznan. Edward Abramowski, a quem se referem os autores do manifesto, é um filósofo e sociólogo de Varsóvia, morto em 1915, que representava no movimento anarquista polonês do início do século o polo cooperativista, individualista e afinitário.

A Anarquia pode ser interpretada como uma possibilidade ilimitada de encontro de indivíduos – certamente nos afastamos do que ela significava no início, mas é assim que é necessário formulá-la. Nós a compreendemos como um conjunto de atitudes inidividuais bem como uma tentativa de uma nova concepção de vida da sociedade, concebida como uma comunidade (*rzecpospolita*) de amigos. Partindo deste princípio, de acordo com o pensamento de Edward Abramowski, apelamos a uma conspiração geral contra o Estado, fundamentada na constatação de que a amizade é o principal elemento de valor no desenvolvimento da sociedade e o único critério que permite medir o desenvolvimento dela (sociedade). Do mesmo modo, o desenvolvimento individual (o valor do homem) é a sua capacidade de amizade. Trata-se do único ponto em que o bem da sociedade se confunde com o do indivíduo.

Numerosos sinais sobre a terra, no céu e, em particular, sobre os muros, demonstram que muitas pessoas manifestam uma inclinação pela anarquia. Em geral isto se limita a uma atitude individual e à negação de toda autoridade, sem chegar a uma atitude social ou a ações construtivas. O fato mais freqüente é que grupos e indivíduos não saem do próprio gueto. O fato de ficar lá, social e intelectualmente, conduz diretamente ao suicídio: ora somos vistos pelos outros como loucos ou provocadores, ora nos tornamos sujeitos às depressões e utopias. Em vez de ficarmos acuados em posições cada vez mais extremadas, alarguemos nossa margem de ação no seio da sociedade.

O movimento anarquista deveria ser não uma organização qualquer, dotada de uma estrutura precisa e orientando a ação de grupos particulares, mas a manifestação da tendência que visa expulsar o Estado de todos os domínios da vida, tanto da sociedade como do indivíduo, e a substituí-lo por uma livre cooperação entre grupos. Em nossa ação, podemos cooperar com qualquer pessoa, sem levar em conta sua filiação (política), com a condição, entretanto, de estarmos conscientes de que tal cooperação terá fim a partir do momento em que o parceiro quiser transformar a iniciativa de base em um novo sistema.

Insistimos, em particular, em apoiar todas as ações em favor dos direitos do homem, contra o militarismo, a exploração dos trabalhadores, a censura e as mentiras dos meios de comunicação. Do mesmo modo, apoiamos as ações ecológicas, as inicativas de base no campo da economia e as manifestações criativas não institucionais. Nossa integração pode manifestar-se por encontros, festivais, pela ajuda mútua quando da organização de espetáculos de marionetes, concertos de *rock*, saraus de poesia, cabarés, exposições, projeções de filmes, manifestações de rua, *hapennings* e outras sutis emoções. Nosso espírito de ajuda mútua se manifesta igualmente por ocasião da difusão ou constituição de nossa documentação bem como para assegurar sua propagação através de bibliotecas anarquistas e estabelecendo uma rede de comunicação, um fórum de troca de reflexões, de idéias e de informações sobre nossas ações.

Os meios anarquistas de Gdansk lançam esta ação criando o Grupo Anarquista Inter-Cidades. O que ele se tornará, depende de ti !

Coopera, cria grupos anarquistas livres, vai ao povo!

Bureau de
Informação do Grupo Anarquista Inter-Cidades / Gdansk, Polônia

Rumo a uma renascença das Utopias Positivas

As utopias retomam sua importância histórica no momento em que as coletividades se encontram diante de contradições patentes que as ideologias oficiais são incapazes de resolver, ao passo que, ao mesmo tempo, soluções diferentes são imagináveis. Essa situação se renova hoje. Para além das ideologias partidárias, certos espíritos podem medir as contradições criadas pela desigualdade da distribuição mundial dos bens, pela incapacidade dos governantes em dominar a explosão demográfica, pela extensão dos embargos estatais, pela vontade por parte das grandes potências de continuar a preparação de futuros massacres. Em múltiplos lugares, nas classes dominadas, nas classes jovens, assim como entre especialistas das ciências sociais, desenvolve-se uma nova consciência internacional sem instituições cerceantes e que só pode expressar-se por invenções utópicas. Essa necessidade de utopias não se origina apenas nas frustrações e na inquietação em face ao futuro, mas também no pressentimento de que os remédios, as soluções são possíveis, ainda que não se possa impor diretamente a sua realização.

O desejo de utopia é tanto mais vivo quanto a imensidade das possibilidades tecnológicas e

Essa necessidade de utopias não se origina apenas nas frustações e na inquietação em face ao futuro, mas também no pressentimento de que os remédios, as soluções são possíveis.

o indefinido dos poderes de persuasão levam a pensar que soluções "racionais" podem ser inventadas para combater o mal mundial e forçar a admissão das soluções. Percebe-se ao mesmo tempo que tais projetos libertadores chocam-se com um excesso de fronteiras, um excesso de ideologias fixas e de interesses de classes e de nações para que possam hoje receber um início de aplicação. Nessa situação, a utopia libera a imaginação das planas objeções referentes às realizações e pode confrontar os verdadeiros problemas relativos aos fins e valores.

O utopista moderno encontra-se diante de uma tarefa bem mais vasta do que a que propunha Platão ou Thomas More, na própria medida em que o campo do deliberável se ampliou infinitamente. Já não se trata apenas de imaginar uma nova distribuição das riquezas numa pequena cidade, e sim de reestudar todas as modalidades de vida, todas as relações sociais.

Prof. Pierre Ansart, autor dos livros *Ideologia, Conflito e Poder, Nascimento do Anarquismo, Sociologia de Proudhon, Marx e o Anarquismo,* **leciona na Universidade de Paris VII.**

Por Um Direito Achado Na Rua. Posse X Propriedade Na Questão Urbana

"Qu'est-ce que la Proprietè ?
– La Propriété c'est le vol !"
P. J. Proudhon

Foge aos propósitos deste texto uma análise do instituto jurídico que chamamos de propriedade e das diversas modalidades de direito real sobre a coisa alheia. No entanto, é interessante explicitar que o direito de propriedade é o "direito de usar, gozar e dispor de bens, e de reavê-los do poder de quem quer que injustamente os possua" – *Caput do art. 524 ao Código Civil* – (1). Ou seja, a propriedade é o mais abrangente dos direitos reais, entendidos estes como um direito o qual o proprietário exerce sobre uma coisa com a exclusão de todas as outras pessoas; ou seja a *res proprietas* é um direito absoluto.

Analisando a redação do art. 524 do Código Civil, constatamos que a propriedade toma uma aura de **justa** e de **direito**. No entanto, o direito de propriedade é *Direito* ? É disso que vamos tratar.

Como corolário à aplicação do direito à propriedade do solo, surge o solo-mercadoria, no qual a convivência econômica contraria a convivência social, pois, juridicamente, a ocupação de espaço físico imóvel, rural ou urbano, é ditada pelo preço (2).

Daí, o direito à moradia, direito elementar do homem, está condicionado a um fato exterior ao homem, "Assim, quando a lei diz que toda pessoa tem direito a habitação, na verdade seu real sentido é que toda pessoa, dotada de dinheiro suficiente, tem direito a habitação" (Affonsin, Jacques Távora; em exposição proferida na XI Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil).

Percebe-se como os especuladores imobiliários têm geralmente seus interesses prevalecendo sobre os de uma grande e esmagadora parcela da população pobre, que se constitui de trabalhadores inseridos na economia da região e que, pelas condições de empobrecimento, não têm outra alternativa de morar que não seja numa área de invasão. Essas áreas de invasão, em terrenos públicos ou particulares, se caracterizam

O que é a Propriedade? A Propriedade é um Roubo!

pela ilegalidade da posse da terra, irregularidades urbanísticas, carência de infraestrutura física e social, sítio inadequado e má qualidade das habitações (Metroplan, Inventário das Vilas Irregulares na Região Metropolitana de Porto Alegre).

Assim, se estamos identificados com um programa de transformação social, no que diz respeito aos conflitos entre a posse e a propriedade em área urbana, devemos transcender as leis e buscar apoio na eqüidade e na doutrina, principalmente no que tange às ações possessórias.

No entanto, isto tropeça em um grande obstáculo: a dificuldade encontrada pelos juristas em conceituar e classificar a posse, sem artificialismo do seu referencial à propriedade privada (Affonsin, op. cit.).

Parece-nos que a posse deve encontrar fundamento na noção de necessidade humana, sem qualquer vínculo com seu fator econômico. A primeira pergunta de toda ação possessória em matéria de imóveis para fins de deferimento de liminares não seria mais "de quem é a posse velha" (3) e, sim, "que uso está se dando ao espaço disputado" (Affonsin, op. cit.).

Tal inversão revolucionaria o ordenamento jurídico, posto que joga as instituições jurídicas de sua noção de instrumento de classe para um projeto de alargamento do campo de compreensão do fenômeno jurídico, para além dos restritos limites de sua captação positiva e estatal, até alcançar a realidade de ordenamentos plurais conflitantes, derivada, nas favelas, da conformação específica do conflito de classes numa área determinada da reprodução social – neste caso, a habitação (4). *(Direito achado na rua – Curso de Extensão Universitária à Distância.* Brasília – UnB. 1987 pps. 11 a 38); ou seja, para um projeto onde o Direito se apresenta como positivações da liberdade conscientizada e conquistada nas lutas sociais e formula os princípios supremos de Justiça Social que nelas se desvenda (Filho, Roberto Lyra. *O que é Direito ?* RJ. Brasiliense, 7ª ed. 1989 – pg. 124), adequando a ordem jurídica às necessidades de uma população empobrecida e introduzindo em garantia de função social de terrenos ilegalmente mas utilmente ocupados em perímetros urbanos, cuja utilidade social o proprietário não soube dar (Affonsin, op. cit.).

Enfim, podemos não compartilhar do mesmo otimismo de Proudhon e seu estilo ribombante, mas, sem dúvida compartilhamos, no que tange à questão urbana, de sua convicção de que "a posse individual é a condição da vida social; cinco mil anos de propriedade o demonstram: a propriedade é o suicídio da sociedade. A posse está no direito; a propriedade é contra o direito. Suprimam a propriedade conservando a posse; é apenas por essa modificação no princípio, modificareis tudo nas leis, no governo, na economia, nas instituições: expulsareis o mal da Terra". (Proudhon, Joseph Pierre. *Qu'est-ce que la propriété ?* Paris, Garnier – Flammarion, 1966. p.307).

Notas:

(1) "No campo jurídico, em que se coloca esta reflexão, uma tarefa sem dúvida importante será a de desvendar de que maneira o Direito construiu a teia jurídica de proteção da propriedade. Pois o sistema fechado que assegura à propriedade as características absolutistas, plenitude e perpetuidade, integra-se principalmente em três códigos básicos: a Constituição Federal, o Código Civil e o Código de Processo Civil (...) Se a propriedade se define constitucionalmente como princípio (regra absoluta) (...), cabe à legislação civil estabelecer o conteúdo e a extensão da propriedade (...). Os dois grandes guardiões da propriedade no arcabouço da normatividade são a desapropriação (garantia de indenização) e as chamadas ações possessórias ou interditas possessórias. A desapropriação protege o bem em si mesmo como valor econômico, e as ações possessórias (...) dão pronta garantia à simples relação factual entre o homem possuidor, e a propriedade, pela simples razão de aquele homem parecer o proprietário". (Bakdez, Miguel Lanzelloti. *Solo Urbano*. RJ, Ajup/Fase, 1986, p. 10)

(2) Isto se dá pelo fato de que a propriedade se integra ao patrimônio do proprietário. Tudo que se pode integrar a um patrimônio é um bem econômico, sucetível de se traduzir por um valor pecuniário. (Vide Pereira, Caio Maria da Silva. *Instituições de Direito Civil*. RJ, Forense, 1987, 10ª ed. vol I, p. 271-2)

(3) A posse é de mais de ano e dia. Neste caso, "o possuidor será mantido sumariamente, até ser convencido pelos meios ordinários". (art. 508 do Código Civil Brasileiro)

(4) As instituições jurídicas não se traduzem apenas naquelas encontradas no interior do aparelho estatal. Tal visão positivista é míope e partidária dos grupos e classes que controlam o Estado e os meios de produção. Uma visão libertária do Direito precisa alargar o foco para além do eixo estatal, abrangendo as pressões coletivas a até as instituições e normas jurídicas não estatais de classes e grupos espoliados e oprimidos que emergem no processo histórico, podendo elas significarem avanços ou retrocessos na criação de mecanismos de composição de conflitos que se criem em uma sociedade mais autogestionária.

QUE HISTÓRIA É ESSA DE PEDAGOGIA LIBERTÁRIA?

A história é a seguinte. Os anarquistas, em todas as épocas, sempre estiveram interessados nos problemas pedagógicos. A nível de discussões teóricas e principalmente dentro do terreno prático, experimental.

É claro que quando falamos de pedagogia, inevitavelmente, associa-se à Escola Racionalista de Francisco Ferrer. Isto porque as idéias desse pensador se disseminaram pelo mundo, atingindo até o Brasil. Entretanto, Ferrer já é produto de antecessores que freqüentemente esquecemos, como Paul Robin e a comunidade de Cempuis, Sebastian Faure e La Ruche (Colmeia), Tolstoi e a escola Isnaia-Poliana.

A pedagogia libertária não estancou em Ferrer, continua até o presente por uma série de experiências e teorias até chegar ao trabalho importante de Herbert Read com a Educação Através da Arte, uma proposta verdadeiramente excitante sobre educação do ponto de vista anarquista.

Mas calma, o assunto é vasto e não pretendemos inicialmente, entrar em resenhas de experiências, nem em considerações filosóficas sobre a profundíssima e fundamental obra de Read.

Nossos propósitos são modestos e queríamos apenas fundamentar alguns aspectos básicos da pedagogia libertária, que frequentemente são descartados. Iniciaríamos por uma diferença conceitual entre *Educação* e *Pedagogia*. A *Educação* entendida como o conjunto de meios destinados ao desenvolvimento do ser humano. E a *Pedagogia* pelo conjunto de métodos, técnicas pelas quais a educação se torna concreta, posta em relação com a prática.

Os anarquistas consideram a criança autônoma e livre, suscetível de evolução permanente. Assim os objetivos da educação não se centram diretamente sobre a criança, ams sobre as condições sociais, intelectuais, afetivas sob as quais ela vive e se desenvolve. Trata-se, nessa perspectiva, de dispor de um meio favorável à descoberta e experimentação, de criar condições que propiciem à criança a possibilidade de progredir dentro de seu ritmo, segundo seus desejos e necessidades. O conhecimento sendo concebido não como exterior à criança, mas nascendo com ela, por sua vontade e suas faculdades de julgamento crítico.

Valores da Pedagogia Libertária

Os valores e estruturas essenciais da pedagogia libertária derivam da crítica à sociedade de dominação e da utopia de uma sociedade futura. Podemos enumerá-las em quatro pontos:

1. Educação Positiva – A pedagogia se fundamenta sobre a observação, experimentação e interpretação dos fatos materiais sociais e não sobre a crença e dogma.

2. Educação Integral – O desenvolvimento intelectual, manual e físico é concebido como um conjunto não dividido hierarquicamente. Cada um desses três aspectos é proposto à criança afim de que ela possa escolher, sem coação qualquer, o que deseja desenvolver preferencialmente.

3. Educação Permanente – O desenvolvimento das capacidades criadoras e críticas é inerente ao ser humano, qualquer que seja sua idade. Ao contrário do papel de funcionário, de agente da produção/consumo, de reprodutor de valores estruturais impostos ao adulto numa sociedade autoritária, a educação permanente considera o ser humano como um ser em evolução constante, inacabada e perfectível.

4. Autogestão – A determinação dos conteúdos e métodos da pedagogia se faz coletivamente, pelo conjunto de pessoas implicadas no processo educativo, e não por uma parte do conjunto, como por exemplo, só os adultos. O complemento e a autonomia dos indivíduos e a solidariedade entre eles, bem como a autonomia e a solidariedade do grupo (centro ou rede educativa, instituição pedagógica...) em relação aos outros componentes da sociedade

Riscos da Pedagogia Libertária

Há duas armadilhas que a pedagogia libertária pode e deve evitar. O primeiro é um certo paralelo que existe entre a pedagogia libertária e a pedagogia da escola ativa. Ambas criticam os métodos mneumônicos e catequistas, a postura autoritária dos mestres, os programas alienados dos interesses e atitudes pessoais dos alunos. Propugnam a defesa do desenvolvimento livre e autônomo do aluno e apelam para uma atividade escolar o mais possível centrada na cooperação.

Mas o que as divide sem equívocos possíveis é que a pedagogia ativa pretende alcançar seus objetivos dentro dos quadros de um sistema liberal, democrático, através de uma escola integrada nas estruturas políticas e econômicas em vigor. Escola na prática somente acessível a privilegiados, ainda que em teoria aberta a todos. A pedagogia libertária, ao contrário, afirma a necessidade das transformações políticas, econômicas sem as quais as inovações metodológicas e didáticas se reduzem a pura formalidade e funcionam como instrumentos de opressão mais eficazes do que o que desejamos substituir. Elaborar num certo meio – o da escola, por exemplo – uma pedagogia libertária, enquanto que a criança é objeto nos outros meios que freqüenta, de uma educação autoritária, é cair numa ilusão. A pedagogia, ainda que libertária, não constitui condição suficiente para reproduzir seres que vivam autonomamente, livres, criativos. A pedagogia libertária não ignora que a criança está submetida durante sua escolaridade, fora da escola e após a escolaridade, a pressões de toda a ordem. E na tentativa de sair de sua marginalidade deverá conseguir uma dimensão social e colaborar com outros movimentos libertários da sociedade, porém sem perder sua autonomia.

Para o anarquista tem uma função bem diferente: descobrir o sentido e o exercício da liberdade.

A segunda armadilha é a pedagogia marxista. Só istc merecia um extenso artigo. Mas vamos ser sucintos. Os anarquistas compartilham com a pedagogia marxista de alguns pontos, como a posição nitidamente política do problema educativo, a larga aceitação de sua dimensão socialista, o repúdio à educação social como um dom paternalista prodigalizado por uma classe dominante que tem necessidade de mão de obra qualificada. Porém, divergem em aspectos muito importantes. Os anarquistas negam ao Estado, ainda que a denomine proletário, a função educativa, pois estão convencidos que o indivíduo não deve estar sujeitado a nenhuma instituição. E quem fala em Estado, fala na classe dominante que detém o poder através desse Estado, pois enquanto houver Estado haverá classes, não é verdade Lenin ? Há um marxismo mecanicista que afirma que quando a infra-estrutura econômica se modificar, a educação e a pedagogia se modificarão automaticamente. Os marxistas consideram comumente que existe uma alienação suprema que determina todas as outras: a alienação econômica. E os homens que deverão suprimir essa alienação, serão os políticos, os homens do Partido. Para eles a criança não tem valor em si, tem apenas a qualidade de um futuro adulto. Nessa perspectiva, educação e propaganda se confundem, e as crianças se tornam meios dóceis de uma ideologia de Estado.

A educação visando à submissão e ao respeito à hierarquia é própria do sistema liberal e também do sistema marxista.

Para o anarquista a educação tem uma função bem diferente: descobrir o sentido e o exercício da liberdade.

COLÔNIA CECÍLIA:

Uma experiência de Autogestão

A Colônia Cecília irá completar seu primeiro centenário em 1990. Sobre essa experiência comunitária alguns trabalhos foram publicados no Brasil, como o livro de Newton Stadler de Souza, *O Anarquismo da Colônia Cecília*, editora Civilização Brasileira, 1970. O romance do escritor Afonso Schmidt, *Colônia Cecília*, editora Brasiliense, no qual o autor mistura ficção e realidade histórica. E, atualmente a TV Bandeirantes está anunciando uma mini-série sobre a Colônia Cecília. Assim, nada mais oportuno que rememorarmos o acontecimento, baseados nos próprios escritos do Dr. Giovanni Rossi, o idealizador da Cecília.

Em abril de 1890, imigrantes italianos chegaram aos arredores de Palmeiras, Paraná, num sítio onde apenas havia uma cabana de madeira, para iniciar um projeto de vida comunitária em autogestão.

Orientados pelo dr. Giovanni Rossi, agrônomo idealizador do projeto, os participantes estavam diante do seguinte desafio: como seria possível, com ferramentas inadequadas, desconhecendo a terra, fazer evoluir o projeto ?

A resposta foi dada dez meses após. Um persistente trabalho coletivo transformou o local. A terra foi revolvida e semeada. Reconstruiu-se a casa. Iniciou-se a confecção de barricas com madeira dos pinheiros, que serviam de embalagem para a erva mate. As barricas eram vendidas na cidade de Palmeiras. O represamento do Rio das Pedras permitiu a criação de peixes.

Atento observador e crítico da empresa, Dr. Rossi ia fazendo uma análise da vida comunitária, mostrando que nem tudo era açúcar e mel, pois havia as deficiências que se traziam do passado e que eram levadas para o interior da comunidade. Não raro, os problemas psicológicos individuais, recalcados, explodiam dentro desse ambiente sem repressões. Rossi acreditava que o egocentrismo, a violência, a simulação, a avareza, etc. só poderiam ser superados com a ação lenta e contínua de um ambiente eticamente higiênico.

Antecipando Reich, fazia crítica acirrada à família patriarcal, como geradora de egoísmos, teimosias, rancores, desconfianças, querelas, antipatias gratuitas etc. Vendo, por outro lado, que a convicção de sentir-se livres e iguais ia imprimindo maior franqueza às atitudes. A vida em comum começando a condicionar a tolerância recíproca das fraquezas humanas. A prática da liberdade estimulando o respeito pelo próximo e anulando os atos de prepotência que surgem nas relações familiares.

Funcionamento interno da Colônia Cecília

As assembléias gerais determinavam as deliberações e orientações das tarefas. Outras vezes, a urgência do problema, levava a soluções individuais, porém com o posterior apoio ou não da coletividade.

Afirma Rossi que nas reuniões falava-se alto, discutia-se aos gritos, mas em que pese tudo isso , jamais um ato de violência física foi cometido e nenhuma altercação deixou de ter solução satisfatória.

A organização do grupo era cooperativa e francamente anarquista. Impedia-se que qualquer pessoa assumisse a representação individual da comunidade. Combatiam-se energicamente as tentativas de assumir influências dentro do grupo e as denominações de diretor, patrão, feitor, etc., tinham conotações pejorativas, que cada qual procurava evitar. A coletividade não possuia normas fixas, rigidez de propostas, regulamentos, nenhum estatuto ou pacto escrito. A necessidade técnica do trabalho era que dispunha todos à obra, ora individualmente ora coletivamente.

A vida cotidiana na Cecília

O dia comunal começava com o alvorecer. Uma pessoa madrugadora saía de casa em casa, despertando os retardatários. A seguir dirigiam-se ao trabalho, a tarefa mais urgente. Após duas horas de labuta, tomava-se a refeição matinal que constava de café, leite, polenta frita, pão de centeio, manteiga, queijo. Retorno ao trabalho até por volta de meio dia, quando havia nova parada para se tomar uma sopa substancial. A seguir, duas

horas de repouso para se fumar um cigarro, trocar idéias, relaxar. Novo retorno ao trabalho até ao cair do sol. O jantar, em geral, consistia em polenta, saladas, legumes frescos, galinha, porco assado, quando havia. Quando imperava a escassez de um alimento mais fino, a prioridade do consumo ficava para as crianças e as pessoas doentes.

A norma da Cecília era o trabalho cooperativo e o consumo coletivo. Os excedentes da produção eram vendidos na cidade de Palmeiras, o dinheiro colocado em caixa comum, à mão de qualquer pessoa. Uma administração simples dava conta das entradas e dos gastos. O trabalho individual também existia. Qualquer pessoa poderia optar por essa modalidade, sem qualquer objeção.

Funcionava dentro da Cecília uma escola destinada às crianças e a vida cultural se verificava, todos os dias, com a reunião na casa comunal, após o jantar. Debatiam-se problemas sociais, liam-se os jornais e revistas chegados da Europa, comentavam-se livros dos mais diversos assuntos, promoviam-se festas etc.

Ocaso da Colônia Cecília

Em que pese muitas circunstâncias adversas como o excesso de população em determinada época, isolamento da região por ausência de estradas, dificuldades de adaptação da maioria aos trabalhos agrícolas etc. a empresa progrediu. Foi construido um moinho, efetuada extensa plantação de árvores frutíferas, criação de gado leiteiro etc.

Giovanni Rossi.

Segundo Rossi, a experiência abrangeu ao todo perto de 300 pessoas que por um tempo mais ou menos longo habitaram a colônia. As diversas classes sociais ali estiveram representadas como camponeses, operários, classe média. No aspecto da instrução, havia desde analfabetos até pessoas de instrução superior.

O ocaso da Cecília se verificou de modo gradual, sob múltiplas causas. Algumas pessoas a abandonaram por não se adaptarem ao trabalho agrícola. Outras por julgarem a alimentação insuficiente. Um fator que abalou a comunidade foi uma epidemia de crupe, que matou várias pessoas. Rossi perdeu suas duas filhas.

A luta dos republicanos com suas práticas autoritárias criavam insatisfações locais. Emílio Sigwalt, opositor ao legalismo, refugiou-se na Colônia por um dia. Quando as tropas legais chegaram não receberam qualquer informação. Em represália, os soldados inutilizaram o moinho de fubá, jogaram o milho estocado nas águas do rio. Toda a alimária foi requisitada. Instrumentos de trabalho, sementes e mudas, tudo foi arrebatado. Uma família foi seqüestrada. Aos poucos a Cecília foi se desfazendo. Algumas pessoas permaneceram habitando próximo ao local até o fim da vida. Outros se dirigiam para os grandes centros e se tornaram protagonistas das lutas operárias, com a fundação de sindicatos, semeando os princípios do anarco-sindicalismo. Estávamos nos primeiros meses de 1894. Era o encerramento da experiência de autogestão da Colônia Cecília.

ABRAHAM GUILLÉN

O MITO DA CIÊNCIA ECONÔMICA

A ciência econômica, à medida que se torna mais técnica e menos social, mais matemática e menos prática, mais quantitativa e menos qualitativa, se converteu em negócio de funcionários burocráticos ou de assalariados de grandes empresas nacionais ou multinacionais.

A economia, desde as suas origens, não foi ciência pura, mas sim economia política, ciência da produção, consumo, troca e distribuição, sem esquecer os valores morais e espirituais, que também constituem o objeto da economia.

Os teóricos da estatística, da econometria, planificação, dirigismo, tecnocratas, demagogos que têm um discurso de esquerda, mas que vivem concretamente à direita, prometeram que a planificação centralizada (Leste) e a economia programada ou dirigida (Oeste), poderiam superar as crises econômicas. Entretanto, a crise econômica atual é mais sistemática que a grande depressão de 1929/1933, porém não se ajusta aos ciclos econômicos de prosperidade e depressão, crença cega dos economistas marxistas e dos teóricos capitalistas. Assim, pois, nos falta – à direita e à esquerda – uma teoria coerente da crise econômica de nossa época. Os economistas tecnocratas que tudo reduzem a ordenadas, abcissas, variáveis, índices, coeficientes, e quadros estatísticos, se extraviam na verdade abstrata dos números, a fim de predizer um futuro, que sempre se concretiza ao contrário do que prognosticam, matematicamente.

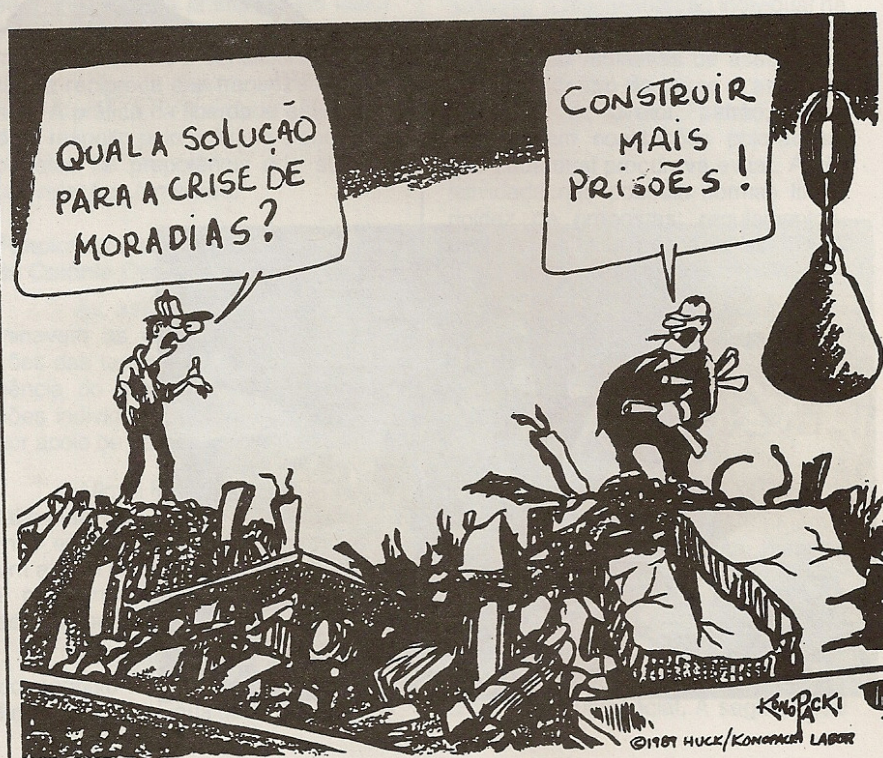
O maior erro econômico de nossa época foi confiar a condução da economia a tecnocratas que, não sabendo o que é autogestão da democracia associativa, nunca serão capazes de superar as crises econômicas e políticas, pela simples razão, de que não possuem ascendente moral sobre a população.

Os economistas tecnocratas, à esquerda, quase todos são de ideologia marxista; e à direita, keynesianos. Em ambos os casos, partidários por interesses burocráticos do Estado-providência, quer seja com capitalismo de Estado (Leste) ou com capitalismo privado (Oeste).

Os tecnocratas não se aperceberam que a economia marxista e a economia keynesiana, são unicamente, *modelos de economia nacional*. Entretanto, em nossa época planetária, o mundo é uma grande aldeia e a economia mundial. Assim, por exemplo, a crise do petróleo, pode decompor todo o sistema econômico e produzir sem que o queiram os países industrializados, uma profunda depressão mundial. Perguntamos, então, para que servem tais modelos ?

Os tecnocratas não se aperceberam que a economia marxista e a Keynesiana, são unicamente, modelos de *economia nacional*.

Os eurocratas, onu-cratas, tecnocratas de todos os tipos, burocratas totalitários, se apresentam como encarnação da sabedoria. Diariamente, com suas declarações ininteligíveis, tornando fácil o difícil, prometendo que a inflação terminará; que a economia caminha para a estabilização e a prosperidade; que as greves tendem a diminuir, de acordo com estatísticas científicas; porém, na realidade os fatos desmentem as especulações e a prática anula o que dizem teoricamente.

Enquanto o tecnocrata atingir, sem experiência política, um posto ministerial, e não entender que a solução de determinados problemas econômicos só se efetivará pela estratégia da política exterior e pela aliança para a ação, continuarão a confundir as causas das crises por seus efeitos. Isto é próprio da tecnocracia: classe híbrida, cujas aspirações consistem em gastar o tempo em "negociações impossíveis", em fazer do Estado seu Deus, em pretender tudo resolver, sem chegar a resolver nada.

É importante conservar uma sociedade aberta, caminhando para a autogestão.

O keynesianisno – no Oeste – prometeu a expansão econômica, porém no momento está tentando evitar a depressão, expôs a teoria do pleno emprego; porém, no momento tenta resolver a desocupação em massa, como durante a crise de 1929-1933. O marxismo — no Leste — não desenvolve a agricultura, mas sim a indústria pesada e armamentista, produz inflação, subalimentação com atraso agrícola.

Com o crescimento econômico – em quantidade e não em qualidade – os economistas tecnocratas nos conduziram a uma tríplice crise:

1º – **Econômica**, não cíclica, mas sistemática, sem oferecer uma saída. Não sabem se mudam o sistema, saindo ou retornando, do padrão-ouro, ou deixando o padrão dolar (Oeste), ou o padrão rublo (Leste).

2º – **Ecológica**, pois o crescimento econômico, quantitativo e não qualitativo, produziu tantas *deseconomias* com a contaminação, que o que se ganha de um lado perde-se de outro.

3º – **Demográfica**, pois as cidades crescem desmedidamente as expensas do campo e a explosão populacional no Terceiro Mundo, ameaça uma luta violenta entre o Norte (rico) e o Sul (pobre). Aí se verifica uma perspectiva histórica dramática que pode conduzir a eclosão da terceira guerra mundial.

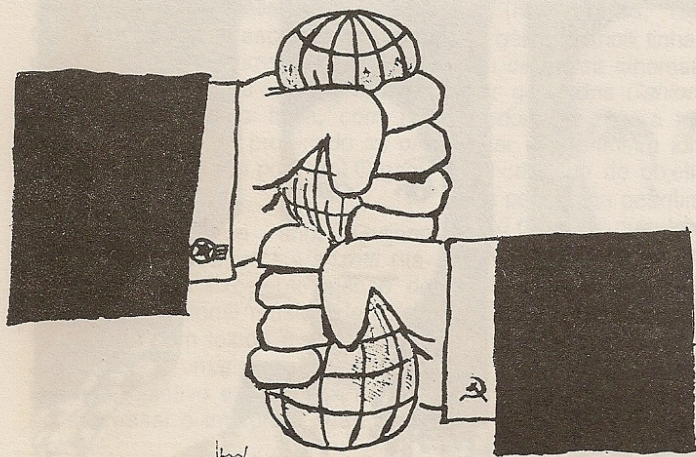
Somente uma democracia de participação direta, que propicie ao povo todos os níveis de decisão econômica, política, social, cultural, administrativa, através de seus delegados eleitos e revogáveis a qualquer momento, pode tirar-nos da crise, do empobrecimento, da desocupação, do Estado-providência.

Atualmente, concentradas as riquezas em grandes empresas multinacionais (Oeste) e em "trustes" de Estado (Leste) poderia parecer que o homem está destinado a suportar um totalitarismo de esquerda, neo-estalinista, ou um de direita, neo-fascista; a não ser que o povo se comprometa, imediatamente, a exigir sua participação direta na economia, política, administração, cultura, etc.

É importante conservar uma sociedade aberta, caminhando para a autogestão, do que uma sociedade fechada (nazi-fascista ou soviética), que deixam o homem sem alternativa. Se os trabalhadores pudessem eleger seus conselhos de empresas, os cidadãos seus autogovernos e, se a propriedade, onerosa e abusiva, pudesse se transformar em propriedade comunitária, a sociedade se desenvolveria em sentido da democracia associativa, na qual todos os homens teriam os mesmos direitos e deveres.

Amparados pelos *mitos da ciência* política, econômica e social, pelo saber e poder que dão a ciência e a técnica, os burocratas se preparam para assaltar o Poder com ajuda do povo ignaro, adulando-o politicamente, para a seguir oprimí-ló e explorá-lo vilmente. Para derrotar os mitos políticos da burocracia ocidental e oriental, o povo deve começar a auto-organizar-se em seu próprio interesse.

Uma ciência e uma técnica – por mais exata e lógica que se postulem – não são verdadeiras se vão contra os interesses do povo. Um sábio não pode ter razão se sua sabedoria não contribua para a liberação do povo, a planificação e desenvolvimento da sociedade.

ANARQUISMO E CINEMA

Uma breve incursão na história do cinema revela-nos que a fisionomia dos anarquistas sofreu nos filmes, a mesma deturpação e preconceitos que eles sofrem na sua vida diária. Sua imagem é muito limitada e estende-se desde o psicopata até o mais inocente débil mental, passando pelo maníaco, fanático, bobo inofensivo, etc. Neste sentido, a figura dos anarquistas, como personagens cinematográficas, é tão antiga como a história do próprio filme como processo expressivo.

O ano de 1913 marca o início do interesse dos realizadores pelo "folclore" anarquista. *Heart of a Jewish* (Coração de um judeu) talvez seja o primeiro desses filmes, mas não se encontra nenhuma bibliografia sobre ele. *The Anarchist* (O anarquista) de Herbert Brenon, filmado em Paris, coloca o problema das vítimas inocentes na luta dos anarquistas contra seus inimigos.

A 1ª Guerra Mundial trouxe-nos uma pausa e só em 1919 os anarquistas voltam a aparecer na grande tela com *Boots* (Botas) de Elmer Clifton, *Red Viper* (A víbora vermelha) de Jacques Tyrol, *The Right to Happyness* (O direito à felicidade). Em 1912 em *The dollar a year man* (O homem de um dólar por ano) de James Cruze, baseado num texto de Walter Woods, um grupo de anarquistas planeja o rapto de um princípe. A intensa publicidade da Paramount e a presença da conhecida Patty Arouchel (famosa com os filmes mudos de Chaplin) asseguram sucesso de bilheteria a este filme. Ao mesmo tempo é lançado pela Pionneer Film Company o filme de George Everett *The crimson cross* (A cruz escarlate) no qual aparece a primeira personagem feminina anarquista, a srta. Otto Fischer. *The strangers banquet* (O banquete dos desconhecidos) de Marshal Neil é historicamente importante, talvez porque pela primeira vez a figura de um anarco-sindicalista e os problemas de uma contestação coletiva são reproduzidos na tela.

Chegamos a Jean Vigo com *Zéro de Conduite* (Zero em comportamento). Filho de um anarquista controverso mas bem conhecido, este realizador viveu menos de trinta anos, e sua carreira cinematográfica durou apenas três anos, limitando-se a dois filmes e dois documentários. Sua qualidade bastou para criar uma reputação indestrutível. Seu filme mais significativo não recebeu a atenção que merecia, devido à proibição pela censura francesa. Sua influência real só começou após a 2ª Guerra Mundial.

Julian Beck e Judith Malina

Emma Goldman

Um dos primeiros filmes totalmente dedicados à vida de um anarquista é *Malatesta* de Peter Lilienthal (Alemanha, 1970). O realizador alemão não é sensacionalista, pois tendo vivido no exílio, sabe o significado da emigração política.

Nos anos 70 a imagem dos anarquistas começa a melhorar. *Jose Hill*, (EUA, 1971) dirigido por Bob Widerberg, que sendo sueco estava capacitado para narrar a história da realidade do imigrante escandinavo Joe Hibistron, militante da I.W.W. (organização anarco-sindicalista dos EUA). O filme opta pelos aspectos românticos de Joe, em detrimento de sua luta sindical. As últimas cenas são as mais marcantes do filme, com Hill condenado à morte proferindo as palavras: "Não chorem por mim. Organizem-se !"

No mesmo ano, Guliano Montaldo filma *Sacco e Vanzetti* (Itália, 1971) com excelente elenco de atores, excepcional música de Ennio Morricone, com textos e melodias de Joan Baez. É um grande filme político, honesto, objetivo e muito ágil, no qual se sobressai o intérprete Jean Marie Volonté.

Em 1974 vem da Argentina, o filme *A Patagônia rebelde* de Hector Olivera. É um dos melhores filmes, que retrata os anarquistas com muita seriedade. Os acontecimentos, bastante conhecidos, giram em torno do massacre de anarco-sindicalistas na Patagônia, o assassinato do coronel Varela, por Kurt Wilchens e as lutas da Federacion Obrera Regional Argentina, de orientação anarco-sindicalista. A fotografia é excelente, a atuação soberba, os diálogos corretos politicamente e convincentes do ponto de vista psicológico.

O próximo grande acontecimento é *Cecília* de Jean-Louis Comolli, (França-Itália, 1975). Nascido na Argélia, Comolli tinha uma longa prática de crítica cinematográfica. Foi editor geral dos *Cahiers du Cinéma* no período de 1966 a 1971, antes de realizar seu primeiro longa-metragem. A sinceridade de objetivos é evidenciada pela longa pesquisa para a realização do filme, num total de cinco anos. Quando lhe perguntaram o que o atraiu para esta história ítalo-brasileira de vida comunal e amor livre passada na última década do século XIX, Comolli respondeu: "Era uma história que encadeava vários aspectos e graus de realidade, a história de um grupo e a história de um casal, utopia e presente, teoria e existência". Um filme magnífico e, como *A Patagônia rebelde*, já esteve em exibição nos cine-clubes do Brasil.

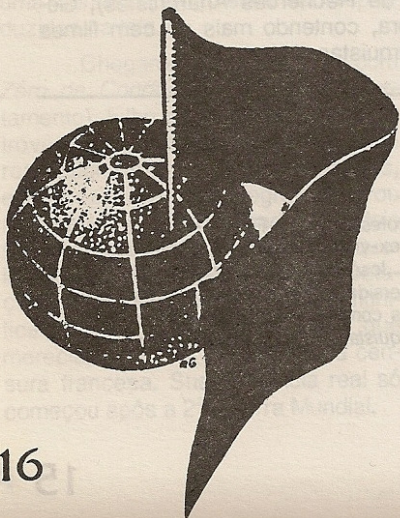
Assinalamos também *Les anarchistes ou La bande á Bonot* uma realização de Philipe Fourastie (França-Itália, 1968); *Metralleta Stein* de Jose Antonio de La Loma, filme inspirado num episódio da vida do anarquista Francisco Sabaté, um dos principais protagonistas da guerrilha anti-franquista. *Anarchism in America* de Steven Fischeler e Joe Sucher (EUA, 1981) *The Story of the Living Theatre* (EUA, 1983), *Free voice of Labour: the Jewish Anarchist* (EUA, 1980). Podemos citar ainda a homenagem a Buenaventura Durruti, *Libera, amore mio*, de Mauro Bolognini. Há um excelente catálogo de filmes anarquistas editado pelo CIRA (Centre International de Recherces Anarchistes), Genebra, contendo mais de cem filmes anarquistas.

O professor Pietro Ferrua é fundador do CIRA, ex-vice presidente do Centro de Estudos Prof. José Oiticica, professor de literatura na Universidade do Texas, autor de inúmeras obras como *Surrealismo e Anarquismo, Os Anarquistas na Revolução Mexicana.*

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

CASTORIADES APOCALÍPTICO – Em entrevista concedida à revista anarquista "ISTOK", o escritor Cornelius Castoriades afirmou que a Rússia é, entre os países industrializados, a primeira candidata a uma revolução social, vinda autonomamente das camadas sociais e não dos quadros intitucionais. ("ISTOK", nº 16)

ENCONTRO PRÓ-COB – realizou-se em Porto Alegre um encontro de representantes de grupos para a formação da Confederação Operária Brasileira. Estiveram presentes também alguns representantes de países Sul Americanos, bem como uma representação da AIT, com sede na Alemanha Ocidental.

ANARQUISMO HOJE – Ciclo de seis palestras realizado em agosto de 1988, no Instituto de Filosofia e Ciencias Sociais, Rio de Janeiro. O evento foi organizado pelo Grupo Anarquista José Oiticica e o Círculo de Estudos Libertários. Para o segundo semestre de 1989, será realizada outra série de palestras.

BAKUNIN NA RIBALTA – Em cena a peça Bakunin. Direção: Val Folly. Realização do grupo Necas de Pitibiribas. É um monólogo. A montagem apresenta uma estrutura linear dos acontecimentos com citações fragmentárias de Bakunin e outros autores anarquistas. Teatro do Bexiga, rua Rui Barbosa 672, Bela Vista, São Paulo.

1º DE MAIO DE 1989 – O Movimento Libertário do Brasil, na passagem dessa data histórica, lançou importante manifesto onde está rememorado de modo convincente os acontecimentos que deram origem à data. No mesmo manifesto foi tomada posição face a irregularidade dos decretadores de Greves Gerais, encastelados nas cúpulas pelegas e parasitárias das centrais sindicais, que jamais consultam as bases quando desencadeiam suas ações partidárias e infantis. Termina o manifesto por uma série de reivindicações como autonomia sindical, horas de jornada de trabalho, fim do imposto sindical etc.

ANARQUISMO E GEOGRAFIA – Patrocinado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, com a participação do professor Catedrático Manoel Correia de Andrade que falou sobre **Elisée Reclus**, geógrafo e cientista. O Professor Willian Vesenti dissertou sobre **Kropotkin**, geógrafo e cientista. Nosso companheiro Jaime Cuperos enfocou **Reclus, Anarquista, Pensamento e Ação:** Realizou-se o curso na Universidade de São Paulo, durante o segundo semestre de 1988.

VOTO NULO – Nas últimas eleições realizadas, os votos nulos, em branco e as abstenções atingiram altíssima percentagem, como por exemplo em Salvador, 45%, Rio de Janeiro, 32% etc. No Rio, a campanha pelo voto nulo desenvolvida pelos grupos anarquisas CAE-9, o grupo Gajo, e outros provocou a ira do jornal O Globo e dos candidatos do PT, PSDB, PDT e PSB. Entretanto, passado o período eleitoral permanece verdade: As eleições passam e a merda continua ...

AINDA O VOTO NULO – A seção de cartas do JB de 19.11.88, publicou a opinião do leitor:

> **Voto nulo**
>
> É direito inalienável do **Informe JB** ser contra o voto nulo. Não é direito, porém, distorcer os números para minimizar o sucesso da campanha pelo voto nulo. Quem lhe desmente é o próprio **JORNAL DO BRASIL**, que constata 23,74% de votos nulos e em branco (um folgado 2º lugar nas apurações). Seu candidato, Jorge Bittar mal alcança os 15% e tem a campanha exaltada como cheia de sucesso. Quando a qualidade é fraca, o comprador (eleitor) não tem interesse pela mercadoria.
> **Fernando D. Dias – Rio de Janeiro.**

REVISTA COMUNIDAD – Já em circulação o nº 68 da revista "Comunidad", que contém excelente material de estudo e reflexão. Uma Experiência de Educação Libertária, Servidão e Liberdade, Elogio do Analfabeto, Comunidade: âmbito natural do homem, Ética e Vida cotidiana, etc. Graficamente impecável, a revista "Comunidad" é impressa com equipamento gráfico próprio, em espanhol. Os que desejarem assinar a revista, escrevam para Box 15.128 S-104 65 Estocolmo / Suécia.

ANARQUISTAS COREANOS REALIZAM SEMINÁRIO – A Federação Anarquista da Coréia realizou de 28 a 31 de outubro em Seul, O Primeiro Seminário Pela Paz no Mundo, com a participação de delegações de todas as partes do mundo, inclusive um delegado da Academia Filosófica Soviética de nome Mshveniadz, que falou sobre o Novo Pensamento Político.

I° ENCONTRO DE ESTUDANTES LIBERTÁRIOS – Foi realizado nos dias 21, 22 e 23 de abril do corrente ano, na sede da União Nacional dos Estudantes, Rio de Janeiro, o I° Encontro de Estudantes Libertários. O evento, ao qual compareceram em torno de 35 delegados dos mais diferentes estados, foi extremamente produtivo e organizado. Foram excluídos crachás, mesas diretoras, palavras de ordem, política partidária etc. Todos puderam se pronunciar sem qualquer impedimento burocrático. No último dia foi aprovado um documento que será divulgado para todos os estudantes que se afinam com as posições libertárias que não puderam comparecer a reunião por motivos de distância e financeiros. Foi marcado novo encontro para o mês de julho.

A UNIÃO SOVIÉTICA REABILITA MAKHNO – A União dos Escritores da URSS, em sua revista "Litératurnaya Gazeta", número de 8/2/89, consagra, sob a pena de Vassili Golovanov, um extenso e importante artigo, que não obstante apresentar algumas imprecisões históricas, coloca Nestor Makhno na galeria dos grandes guerrilheiros e heróis populares da URSS. É sabido que há tempos Makhno era acoimado de "anarco-bandido", "anti-semita", "inimigo do povo" e outras pérolas do jargão bolchevista. O artigo de Golovanov abre as portas para um conhecimento, mais aprofundado do pensamento e ação de importante combatente anarquista.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL – No início do ano de 89 foram realizadas, no Centro de Cultura Social (R. Rubino de Oliveira 85, Brás, S. Paulo) as palestras Piaget e a Pedagogia Libertária, Prática Social da Arte, Autodidatismo e Educação Libertária, Educação como meio de Mudança Social, Proposta para uma Andragogia (Antrologia da Educação), Discurso da Racionalização do Trabalho. As conferências são realizadas todos os sábados, a partir das 16 horas.

ANARQUISTAS NA URSS – A ida de um grupo de anarco-sindicalistas suecos a Moscou, onde participou de uma reunião de militantes operários, permitiu o contato com o grupo "Obscina" (Comunidade), fundado "oficialmente" em maio de 1987, mas que sempre existiu clandestinamente. O grupo edita um jornal com o título de "Obscina" em forma de "Samizdat", com ramificação por toda a URSS. Os principais militantes do grupo são professores, jornalistas, estudantes, porém mantêm contatos com operários através da Federação dos Clubes Socialistas e da Federação Democrática. Existem outros grupos libertários como a Aliança e Jovens Comuneiros. O primeiro edita um jornal intitulado "A Barricada".

GRUPO AUTONOMIA NA HUNGRIA – Como organização política independente, foi fundado o grupo Autonomia em 17.11.88. O objetivo do grupo é lutar por uma sociedade livre, sem Estado, sem poder e sem violência. O grupo Autonomia é uma organização política sem direção centralizada, que busca não a participação no poder, mas sim apoiar grupos, comunidades espontâneas e favorecer sua formação. Visa também à liberação da mulher, da criança, dos idosos, à abolição do paternalismo patriarcal. Budapeste, 18.11.88 / Autonomia.

CAETERANA DE ALAGOAS – Alô, gente boa, nossa caixa postal é 15001 – RJ – cep 21055. Escrevam.

LIBERTÁRIOS DA BAHIA – O Centro de Documentação e Pesquisa Anarquista está em busca de nova sede. Fala-se no reaparecimento do "Inimigo do Rei" para breve, e na reativação do movimento anarquista em Salvador.

FOOT HARDMAN FALA DE ANARQUISMO – No dia 21 de abril, no curso do **O DESEJO**, promovido pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), RJ, o professor de teoria literária da Unicamp, Francisco Foot Hardman pronunciou interessante palestra com o título "Sob as asas da anarquia". Dosando habilmente aspectos históricos como a personalidade de Durruti, Guerra Civil Espanhola, as lutas do anarquista alemão Landauer com o cotidiano anarquista na vida operária, as realizações dentro da pedagogia libertária, sexualidade, movimentos para elevação cultural do operário, Foot Hardman terminou sua brilhante palestra aplaudidíssimo por um público de mais de 200 pessoas. Seguiram-se debates esclarecedores.

POLICIAIS E BANCÁRIOS UNIDOS JAMAIS SERÃO VENCIDOS – Enfim a polícia entrou em greve. A vida anda por demais dura e eles exigem aumento de salários. Comandados por "Sivuca" e "Formiga", membros notórios do E.M., solicitaram e receberam apoio do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, através de seu presidente Cyro Garcia, ligado a Convergência Socialista. É isso aí, é o sindicalismo de parangolé, que tapeia e empulha o trabalhador com a fajuta greve geral. Quanta podridão.

Resenha de livros

UMA TERAPIA ANARQUISTA – *A alma é o corpo* expõe, em linguagem acessível, os fundamentos teóricos e políticos da Soma, cujas técnicas e práticas são descritas em *A alma é o corpo* (vol. 2, a ser publicado). As principais características epistemológicas da Soma são o monismo, auto-regulação espontânea, a originalidade única de cada ser. Tais princípios, adverte-nos Freire, são interdependentes e complementares.

A originalidade única está ligada à auto-regulação espontânea do organismo, pois para poder vivê-la necessito poder me auto-regular espontaneamente. E estes dois princípios associados necessitam, para funcionar, de que a unicidade esteja garantida antes de tudo, porque só na unicidade a auto-regulação pode funcionar espontânea, inteira e independentemente.

Bloqueios externos, mas que se interiorizam, rompem com a unicidade na compreensão do funcionamento da pessoa, impedem o funcionamento livre da auto-regulação espontânea, e acabam por impedir que possamos ser a pessoa que realmente, originalmente e unicamente somos.

Para desbloquear as pessoas, a Soma utiliza conceitos e técnicas da terapia da Gestalt e das formas de Bioenergética. Entretanto, tais terapias são insuficientes na medida que julgam bastar a consciência de como está bloqueada a auto-regulação para restabelecê-la de modo automático. Impõe-se, então, retornar à Bioenergética tal como surgiu na obra de Wilhelm Reich e seguindo nas suas sugestões, acrescentar a política à aliança entre biologia e psicologia.

Com base em Reich, a Soma admite não só a apetência do homem pelo prazer, como o desvirtuamento da sua busca devido às repressões sociais. Para ilustrar e reforçar essa tese, Freire busca apoio em fontes teóricas diversas mas que guardam em comum o ímpeto libertário: a antrologia de Pierre Clastre, a análise do poder em Michel Foucault e, principalmente, os estudos antipsiquiátricos de Bateson e Cooper.

"A família espelha e reproduz o Estado" afirma Reich. A Soma é uma antiterapia que propõe a transformação revolucionária da política do cotidiano e, basicamente, a extinção da família burguesa como única forma eficaz de combater a neurose. Assim, é aliada do anarquismo que, no plano macro-social, combate a idéia de Estado. Inspirando-se nessa aliança com Proudhon, Bakunin e outros libertários do século XIX, Freire pode concluir que *"a vida socialista libertária, funcionando afetiva, criativa e socialmente em autogestão é sinônimo de saúde e naturalidade".*

De nossa parte, concluimos que **Soma: uma terapia Anarquista** é estimulante, entre outras razões, pela generosidade, vigor e otimismo, podendo sua leitura servir como antídoto às tentações de desencanto e cinismos.

SOMA – UMA TERAPIA ANARQUISTA – vol. 1 – *"A Alma é o Corpo"*, Roberto Freire. Rio, edit. Guanabara, 1988.

AUTOGESTÃO DESMISTIFICADA – Um livro precioso. Escrito por um operário serralheiro. E olhe, intelectual, não torça o nariz, pois o livro é profundo, muito bem escrito, e vai lhe ensinar um monte de coisas, que abalará uma série de clichês que você carrega de suas leituras marxistisantes. Para o autor, só é possível a autogestão, ele prefere o termo gestão operária, se dentro da empresa, se abolirem as diferenças de classe, as diferenças salariais, as diferenças hierárquicas e se forem os próprios operários a decidirem a gestão. Assim, adeus à pseudo autogestão à iugoslava, pois lá é o Estado quem decide, através da classe dirigente. São oitenta páginas dignas de leitura e reflexão.

AUTOGESTÃO, GESTÃO DIRETA, GESTÃO OPERÁRIA – Maurício Joyeux, Brasília, edit. Novos Tempos. Caixa Postal 07-1047, 1988.

GUERRILHA ANARQUISTA NA RÚSSIA – Sabemos que os vencedores escrevem a história. Aos vencidos fica reservada a calúnia, a mentira, o esquecimento, a morte. Isto numa primeira fase, porque cedo ou tarde, há o retorno do censurado, reprimido. E o vencido dá a sua versão. Isto vem a propósito da Revolução Russa e dos manuais bolchevistas, que suprimem toda e qualquer referência à ação positiva e importante dos anarquistas nesse grandioso acontecimento histórico. Entretanto, a verdade vai aflorando. Agora mesmo, no Brasil, foi lançado o livro de Nestor Makhno *A Revolução Russa na Ucrânia* (Março de 1917 – Abril de 1918) que na edição brasileira recebeu o título de *A revolução contra a revolução*. É um importantíssimo relato da atuação dos anarquistas na luta contra os generais brancos Denikin, Koltchak, Wrangel e o estabelecimento imediato de uma sociedade libertária, através de comunas livres construídas pelo povo autêntico e não pelos burocratas do Partido, em nome do povo. A edição brasileira traz um belo prefácio situando a Revolução Russa, porém é omisso em situar o próprio Makhno no processo revolucionário russo, daí ser necessário, para se ter uma visão completa dessa luta, a leitura do livro de Archinov: *História do Movimento Macknovista*, (Editora Assirio Alvim – Portugual – 1976). Deixou Mackhno mais dois volumes sobre o assunto, que ainda não foram traduzidos.

A REVOLUÇÃO CONTRA A REVOLUÇÃO, Nestor Makhno – Editora Cortez, S. Paulo, 1988.

BAKUNIN NO BRASIL – Dois livros de Bakunin em português, *Deus e o Estado, Federalismo, socialismo, antiteologismo*, ambos em excelente apresentação gráfica. Editora Cortez, São Paulo, 1988.

O SONHAR LIBERTÁRIO – Estamos diante de um sério trabalho da professora Cristina Hebling Campos, que nos faz uma análise, em profundidade, do movimento operário dos anos de 1917 a 1921, ao mesmo tempo em que rebate alguns clichês que a historiografia marxista emprega quando analisa o movimento anarco-sindicalista.

O SONHAR LIBERTÁRIO, Cristina Hebling Campos, Editora da Universidade de Campinas.

EXPERIÊNCIAS ANARQUISTAS – Um livro que relata as experiências anarquistas como a Colônia Cecília, a luta e o trabalho dos anarquistas imigrantes na difusão do anarquismo, bem como outras experiências que a rigor não podemos denominar como anarquistas, por exemplo: Canudos, Quilombo dos Palmares e Livramento. Um livro que fornece motivos para intensa reflexão.

OS LIBERTÁRIOS – IDÉIAS E EXPERIÊNCIAS ANÁRQUICAS – Edgar Rodrigues – Editora Vozes – Petrópolis, 1988.

OS SINDICATOS NA REVOLUÇÃO – A importância e a atuação dos sindicatos na revolução social, segundo o ponto de vista anarco-sindicalista.

OS SINDICATOS OPERÁRIOS E A REVOLUÇÃO SOCIAL – Pierre Besnard – Vol. 1, Novos tempos Editora, Brasília, 1988.

BAKUNIN: UM APERITIVO – Finalmente, no Brasil, uma biografia de Bakunin. Escrita pelo prof. Sérgio Augusto Queiroz Norte, bacharel em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, constitui excelente aperitivo para o conhecimento de Mikail Alexandrovitch Bakunin. Em que pese ser livro ameno, didático, está fundamentado na mais rigorosa e atualizada bibliografia. O prof. Sérgio Augusto apresenta estilo claro, humorístico, porém conserva todo o rigor da verdade histórica. Não escorrega no erro crasso de atribuir à Bakunin a autoria do Catecismo do revolucionário, na verdade escrito por Nechaiev, o que muito estudioso universitário faz. Um livro magnífico que se lê com extremo prazer.

BAKUNIN – SANGUE, SUOR E BARRICADAS – por Sérgio Augusto Queiroz Norte, Editora Papirus, Campinas (S.P.), 140 pgs. – 1988.

MALATESTA NA PRÁTICA E TEORIA – Malatesta é sem sombra de dúvida o mais claro expositor do anarquismo. É também o militante escritor que mais soube unir prática e teoria. Escreve de modo claro, simples, ainda que tratando de temas filosóficos e científicos. O livro, agora editado, traz um excelente prefácio de Maurício Tragtenberg, e nos apresenta uma quantidade de textos pouco conhecidos de Malatesta, como *Socialismo e Anarquia, O Estado Socialista, Ação e Disciplina*, uma carta a Luigi Fabri, datada de 30 de julho de 1919 na qual já mostra sua posição definitiva face a "ditadura do proletariado", o artigo sobre a morte de Lenin com o título *Luto ou Festa ?* um excelente volume, de leitura obrigatória para quem deseja conhecer Malatesta.

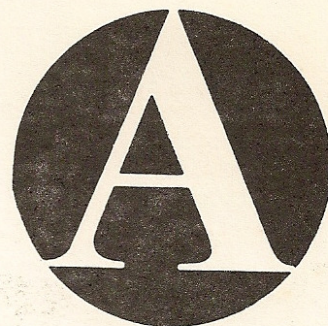
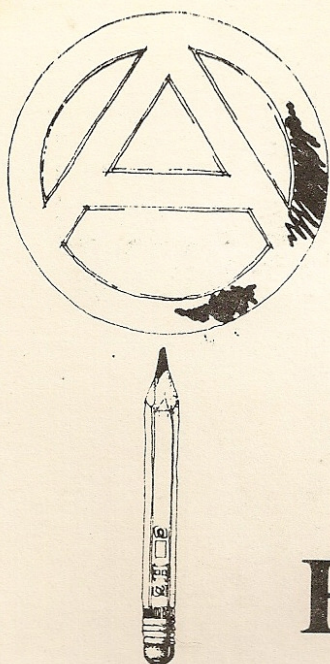
ANARQUISTAS, SOCIALISTAS E COMUNISTAS – Errico malatesta, editora Cortez, São Paulo 152 pgs., 1989.

O GUIA GENIAL DOS POVOS: STALIN – Tempo houve, em que mostrar que Stalin era um assassino vulgar e que na União Soviética imperava o mais duro totalitarismo, era no mínimo se arriscar de ser taxado de "vendido ao governo americano", "agente da CIA", etc. Os anarquistas sofreram na carne tais calúnias. Hoje, caímos no pólo oposto, e todas as mazelas da União Soviética são atribuídas a Stalin. Um evidente exagero, pois nos esquecemos dos milhares de militantes que compactuaram com o Czar Vermelho. Assim, o romance do escritor Anatoli Ribakov – *Os filhos da Rua Arbat*, por onze anos proibido na URSS, procura retratar aquela época apresentando-se em três planos: a vida de Stalin, os militantes do partido, e a juventude alienada. É um livro enfadonho em suas primeiras 80 páginas e que melhora um pouco nas seguintes. Nada afirma, que já não seja fartamente conhecido. E, afinal, quem quiser conhecer realmente esses período da ditadura do proletariado, bastaria ler o primeiro volume do *Arquipélago Gulag*, de A. Soljenitsin. E fim de papo. Quanto a Anatoli Ribakov, ainda vem em entrevista se dizer marxista leninista. É lamentável.

OS FILHOS DA RUA ARBAT – Anatoli Ribakov – Editora Best Seller, 1988.

NESTOR MAKHNÓ

Nestor Ivanovitch Makhnó nasceu a 27 de outubro de 1889, na aldeia de Gulai-Pole, distrito de Alexandrovsk, Ucrânia. Filho de camponeses pobres, trabalhou nos anos iniciais de sua vida no campo, pouco freqüentando a escola. A Revolução de 1905 fá-lo entrar numa torrente de atividades revolucionárias. A seguir filia-se ao movimento anarquista. Em 1908 é preso pelas autoridades czaristas e condenado a morte, pena comutada por prisão perpétua na prisão central de Moscou, a célebre Butirki. Aí aprende Gramática Russa, Matemática, Literatura, Economia Política, História. Libertado no dia 1º de março de 1917, volta imediatamente a Gulai-Pole e organiza as massas camponesas. Forma uma companhia revolucionária na base do voluntariado, com os comandantes das seções eleitos democraticamente pelos revolucionários. Inicia a desapropriação das terras, cria as comunas livres, elege os Conselhos de Operários e Camponeses. Promove a liberdade de propagação de qualquer doutrina socialista, exceto a propaganda de ditadura de qualquer espécie. Formado por excelentes cavaleiros, deslocando-se com enorme rapidez, o exército guerrilheiro de Makhnó começou a infligir tremendas derrotas a toda força reacionária. Makhnó empreende violenta luta contra os exércitos brancos, comandados por Denikin e Wrangel, inflingindo-lhes espetaculares derrotas. Anula também Petliura e Koltchak.

A Macknovitchina espalha-se pela Ucrânia; é um movimento revolucionário de massas, mostrando que o anarquismo é uma utopia concreta e real, realizável na prática imediata. Os bolchevistas tentaram inicialmente cooptar para suas fileiras, porém, diante da recusa do guerrilheiro anarquista, passam a calúnias e perseguições comandadas por Lênin e Trotsky. Sua cabeça é posta a prêmio. Entretanto, o Exército Vermelho faz novo acordo com Makhnó, para lutar contra as tropas do general branco Wrangel. Após as tropas anarquistas haverem destroçado esse exército, quando regressavam extenuadas, os déspotas bolchevistas, desrespeitando como sempre, um acordo formal, emboscaram, no istmo de Perekop, o exército ucraniano. Makhnó consegue, mais uma vez, escapar, atravessando o Dnieper, a Romênia e a Polônia, estabelecendo-se finalmente em Paris, onde falece em Julho de 1935.

História do símbolo

Este signo, por demais conhecido no mundo libertário é considerado como o símbolo anarquista por antonomásia e precisamente por esse reconhecimento caímos no erro de pensar que é muito antigo, que remonta a inícios do século. Isto não é verdade, sua criação data apenas de 25 anos.

As Juventudes Libertárias da França pensaram, em abril de 1964, como unificar em um só símbolo toda a iconografia local e nacional inadequadas.

Delimitaram-se as premissas. A primeira que fosse um símbolo prático, de fácil inscrição para reduzir a um tempo mínimo sua inscrição nas paredes etc. E a segunda que fosse um signo o suficientemente geral para que todos os anarquistas pudessem aceitá-lo.

Assim foi concebido um A maiúsculo inscrito em um círculo. Em que pese o acerto da concepção das Juventudes Libertárias, a proposta não vingou de imediato. Dois anos após, os jovens do grupo Sacco y Vanzetti de Milão, retomam o símbolo e começam a utilizá-lo. Em 1968, o símbolo chega a França na explosão de maio e daí passa para o resto do mundo, de forma espontânea.

LIDARNOŚĆ
1º DE MAIO - DIA DE LUTO E DE LUTA! NÃO DE FESTA!